

Convivência dos Universitários de Salvador **Imbassaí, 22 a 24 de junho de 2019**

Testemunhos

Mariana. Compartilho alguns pontos que retirei da colocação de Pe. Julián de La Morena, que belissimamente fala dessa experiência que faço. A certeza de que sou preferida também vem dessa companhia, que me foi dada gratuitamente.

Para viver uma coisa excepcional, precisa-se de um caminho, não de regras, e esse caminho precisa ser atrativo, pois o Mistério se comunica por coisas que nos atraem. A novidade que encontrei não me pertence, mas me atrai. Se se perde a atração, perde-se tudo, de modo que a fidelidade a essa atração é fundamental. Trata-se de uma fidelidade ao reconhecimento de Cristo presente na história, que é excepcional justamente por ser uma presença contemporânea.

Para esperar que isso aconteça é preciso ter amor a si mesmo, um amor capaz de nos tornar atentos ao fato de que existe outro Amor que nos procura todos os dias. Essa é a certeza que vence o mundo: tu estás sempre conosco por mais que pareçamos loucos. Quanto mais juntos estamos, mais fácil é reconhecer essa presença, pois o sinal da Vitória de Cristo é justamente esta companhia: homens que estão juntos para reconhecer Sua presença. A vitória de Cristo é viver essa companhia, porque Ele está aqui! O importante não é o grupo! Não aderimos a um grupo, mas a uma Vitória! A fidelidade não é a um grupo, mas a um lugar onde encontramos a Vitória. A fidelidade é continuar no lugar onde isso acontece.

Somente Cristo vivo, contemporâneo, resiste ao impacto da passagem do tempo. Ele se mostra como uma correspondência, pois é o cêntuplo que nos é dado gratuitamente. Ter reconhecido essa Presença é para nós uma grande novidade.

Verônica. Sempre participo dos eventos propostos pelo Movimento de CL, porque me educam a viver as coisas da vida, mas desta vez a convivência foi um desafio para mim. Este ano não consegui ir aos Exercícios Espirituais do CLU, mas recebemos a graça de acompanhar alguns momentos dos Exercícios transmitidos em videoconferência. Sempre gosto de escutar e fazer anotações das palestras de Julián de la Morena, porque depois posso retomar o que foi dito e comparar com a minha vida, mas durante a transmissão tive dificuldade em acompanhar a palestra por estar muito sonolenta, de modo que não consegui fazer anotações e assim acabei me fechando para outras coisas que estavam acontecendo, e por um momento o encontro deixou de ser interessante pra mim.

No domingo de manhã houve o encontro dos responsáveis da organização da convivência. Nesse encontro me senti livre para dizer o que de verdade estava acontecendo comigo: para mim não estava acontecendo nada, nada estava interessante. Mas fiquei com a frase de que uma amiga me disse: «Não é verdade que não está acontecendo nada». Quando ouvi isso fiquei pedindo ao Senhor que me ajudasse a ser atenta às coisas que minha amiga dizia: está acontecendo, mas eu não via. Muitas vezes penso que Cristo só acontece quando sinto uma vibração, mas depois da convivência acredito que isso não seja verdade, porque até quando eu não O reconheço Ele acontece. Vejo que Ele acontece na vida de uma outra pessoa. Comecei a perceber a alegria nos amigos, a querer experimentar também. Depois de escutar os testemunhos dos amigos

na Assembleia, voltei para casa com o desejo de ser mais aberta para reconhecer mais ainda as maravilhas que o Senhor faz acontecer.

Transcrição da Assembleia de domingo

Milena. Que experiência fizemos nestes dias que nos permite responder à pergunta: “O que resiste a passagem do impacto do tempo?”.

Colocação. Comentando com alguns amigos que já íamos voltar para a vida normal e que poderia ser sempre assim, eles disseram que se fosse sempre assim ficaríamos enjoados, mas eu disse que não: alugávamos aqui, depois outro lugar, e ninguém enjoaria. Cada um tem a sua realidade, seus problemas, e por isso às vezes não queremos voltar para a realidade. Mas a audácia de quando encontramos Cristo faz com que as coisas se mantenham, e é essa audácia que nos ajuda a encarar os fatos de uma forma mais leve. Não se trata de fugir dos problemas, mas saber que Cristo está do nosso lado para nos ajudar a encarar a situação do dia a dia. Não quer dizer que não vamos sofrer, mas é como se fôssemos sofrer menos por saber que Cristo está do nosso lado. Vi essa audácia, de forma simples, na brincadeira que fizemos ao ir à casa de uma pessoa que não conhecemos e pedir para colocar doce de leite no rosto dela: isso exige uma audácia! E a pessoa viu o nosso comportamento e nos recebeu bem. Acho que percebeu aquela harmonia entre nós e aceitou aquela brincadeira, se não tivesse visto não aceitaria. Depois aconteceu o forró. Eu não sou muito de dançar, mas vendo a companhia que existia entre nós comecei a dançar. O ponto da audácia foi o que mais me chamou atenção. Também estou refletindo sobre a questão do silêncio: como é que eu posso e como me comportaria diferente em certas situações, sabendo que independentemente do que aconteça Cristo sempre vai estar do meu lado. Não são meus planos, são os planos d’Ele. Agir com audácia e saber que Cristo está com você é a reflexão que me faço.

Colocação. Antes de saber da convivência, eu me perguntava o que fazer na festa de São João. Como seria? Seria automático, viveria as coisas momentâneas e passageiras, alguém ia me chamar e sei que beberia como sempre. Depois iria para casa e me perguntaria: por que eu fiz isso? Poderia está vivendo uma coisa melhor. Porque me incomoda está vivendo uma coisa e não aprender nada com ela. Gosto de viver provocações, desafios, mesmo sendo atrapalhado como sou.

Então surgiu esta proposta de conviver com as pessoas de que eu gosto e estar com Cristo. Antes me perguntei: por que eu vou? Houve a questão do dinheiro, sempre o coloco à frente de tudo, sem nem me perguntar se eu quero correr atrás daquilo. Mas e disse: se eu não quero viver tudo de forma momentânea, então tenho que me jogar, correr atrás e não ficar parado. Quando recebi a proposta da convivência comecei a me movimentar, de modo que pude estar na convivência.

Quando estava na missa, pensava em como conversaria com Cristo, após um grande tempo sem conversar com Ele; eu estava desorientado, sem saber como ter esse momento do meu eu com Ele, como me entregar. É que o momento de silêncio e de abertura para mim era uma fuga. Então fiquei me perguntando: é isso mesmo o que eu quero para minha vida, continuar com a mesma realidade? Já tenho 22 anos e tenho que tomar um rumo. Sem Cristo não consigo viver direito. Vivo uma vida de mentira. Tenho que trabalhar o silêncio porque mexe por dentro de mim e fico agitado, basta que falem que é o momento de silêncio e isso me agita. Por isso, quero agradecer ao Movimento,

porque, sempre que estou perdido, tem propostas. Tenho que viver com essas propostas, vivendo de experiências que me questionam e me fazem ter desejo de buscar coisas novas. O que vivi foram coisas novas, não foram coisas momentâneas. Sempre que eu estiver assistindo, lendo ou passando na rua, vou lembrar-me do Movimento.

Colocação. Eu queria ter ido aos exercícios do CLU em São Paulo, mas graças a Deus a Milena organizou esta convivência. Tentei prestar muita atenção à transmissão, porque era lá que queria estar. Desde que vi esta pergunta: “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, não houve um dia, por mais que eu me dispersasse, em que não pensasse nela. Na minha vida, depois de tudo pelo que passei, o que é que me faz ainda ter um desejo de esperar algo maior, de querer algo mais? No primeiro dia da transmissão, Julián de la Morena lançou uma pergunta: “Será que eu posso escancarar o meu desejo a ponto de perceber que dentro de mim há algo que muda tudo? Será que eu posso escancarar esse desejo?”. Com essa pergunta escrevi: alguma coisa me aconteceu, mesmo com o decorrer do tempo eu não perdi a esperança. Mas por que esperança? Por que essa palavra, esse sentimento de algo maior que me espera? Por quê? Porque talvez Deus tenha me feito assim. Deus me fez assim com essa ânsia de esperar por algo. Algo capaz de me trazer o olhar novo para o outro, para as coisas, para o acontecimento, para o meu trabalho, a minha faculdade. Na minha família sou a única católica, conheci muitas religiões, mas me tornei católica, de modo que passei e passo por muitas dificuldades e críticas por ter escolhido esse caminho. Aprendi a viver com uma solidão (presença física, digo) nas missas, nos encontros da Igreja. Na primeira experiência que fiz de viajar com o Movimento, eu só conhecia uma pessoa, que era Milena, mas também não tinha muitas proximidades. Minha família e meus amigos de antes nunca estiveram comigo. Vim construir, conhecer outro tipo de amizade quando iniciei esta caminhada. Mas por que continuei com essa mesma solidão de não ter ninguém que me acompanhasse na minha paróquia? Tenho vontade de servir e de ajudar. Muitas vezes me sinto nessa solidão, mas ao mesmo tempo é como se eu não estivesse mais sozinha. Dentro da minha casa, da minha família, eu passei por algumas situações pelas quais eu sofreria ou desistiria como meu irmão e minha mãe, se eu não tivesse encontrado essa presença.

Vivo esperando por algo, por algum acontecimento que sempre me aponta uma direção, sempre me dá um conforto. Eu não vim à convivência com esse desejo, mas quando iniciou a transmissão e foi feita a pergunta, me deu a certeza de que realmente sou preferida, porque na minha casa sou preferida, porque os ajudo mesmo que seja com uma palavra. Às vezes me rebelo, mas depois volto. Porque sei que é Cristo o que resiste ao impacto da passagem do tempo.

Com toda a questão que foi tratada sobre a medida e a mudança, percebi que às vezes coloco medida em muitas coisas, mas sei que meu namorado é incapaz de me amar do jeito que eu deveria ser amada. Porque ele, com a sua natureza, é incapaz de suprir as minhas exigências de amar e ser amada. Sei que só existe uma pessoa capaz de me dar essa certeza que encontrei, e é Cristo. Desde o dia que O encontrei através do carisma do Movimento, tenho ido para as Escolas de Comunidades, tenho participado de alguns eventos e tenho sempre o desejo de que Ele me fale de novo. Na convivência não aconteceu diferente, havia regras que temos que respeitar, como ficar separada do namorado e compartilhar. Dentro disso também há a liberdade: eu escolhi estar neste lugar e não ficar com a minha família, decidi participar disto mesmo não sabendo o que me esperava. No imprevisto me veio esta inquietação da pergunta: na minha vida, depois de tudo pelo que passei, o que é que me faz ainda ter um desejo de esperar algo ainda maior? Penso que só através dessa convivência é que fui capaz de trazer à tona

essa inquietação, de olhar para o que realmente necessito. Não vamos encontrar as respostas prontas, mas precisamos mergulhar e ver quem nos aceita ao sermos quem somos. Tive essa oportunidade de olhar para mim e dizer: eu sou isto.

Colocação. Ouvindo vocês, concordo que neste ambiente a pessoa é capaz de ser ela mesma. Julián de la Morena falou sobre isso na transmissão: você fica tão bem diante de uma amizade verdadeira, que consegue ser você mesmo. Geralmente, quando acontece uma brincadeira, não fico à vontade, mas, por exemplo, na festa de São João, me vi à vontade dançando forró. Mesmo não conhecendo algumas pessoas, eu agia sem perceber que era uma amizade diferente e que eu poderia ser eu mesmo. Tanto dançando, brincando, conversando; dentro desta companhia consigo ser eu mesmo. Um dos pilares do Movimento é isto: que você consegue ser você mesmo por ter Cristo no meio. Isso me faz voltar. Procurar Cristo num ambiente em que você consegue ser você mesmo. Isso não tem preço.

Colocação. Sendo você mesmo, você não deixa passar nada despercebido, está sempre está atento. Mesmo tendo acabado de conhecer uma pessoa, em um dia parece que já a conheço há um tempão, porque Cristo me fez enxergar esse dom. Gosto de dançar, mas para dançar com os amigos de onde moro tenho que beber muito. Mas não gosto disso: os amigos olham para mim e veem uma felicidade, mas não é uma felicidade verdadeira, é momentânea. Para fazer o que fiz aqui preciso beber, para me sentir eu mesmo normalmente bebo, mas aqui foi diferente.

Colocação. Às vezes as pessoas nos olham esperando uma determinada postura, então quando fazemos algo diferente, pelo medo de quem está ali, ficamos meio que retraídos de fazer alguma coisa. Em alguns lugares tive esse olhar retraído. Nem sempre é fácil sermos nós mesmos no ambiente, às vezes é mais confortável ficarmos “na nossa” do que confrontar. Dentro do ambiente acadêmico há muito desse olhar que nos deixa retraídos, e ficamos sem querer confrontar para evitar uma turbulência maior por não aguentarmos os discursos que são ditos na universidade, Às vezes temos que ter argumento para debater com o professor, com os colegas. Ser quem somos é muito difícil, sofremos muitas vezes, mas temos que tentar sempre, porque é a verdade do nosso eu. Às vezes fico debatendo com os amigos porque não posso esconder a verdade de mim por causa do outro.

Milena. Vejam quantas coisas vocês disseram, quantas coisas interessantes saíram até agora. Paulo falou da audácia, e fiquei pensando que ontem propus a brincadeira, mas em nenhum momento como uma imposição. Vocês poderiam não ter topado. Por que é que vocês toparam? Por que é que vocês levaram a sério a brincadeira até o fim? Era ou não era um desafio? E o que é que vocês tinham, que fez com que enfrentassem esse desafio? Porque era uma brincadeira, no final era só uma brincadeira, e vocês poderiam ter dito: “Ah! não vamos conseguir ir à casa de uma pessoa que não conheço e pedir para melá-la de doce de leite às dez horas da noite”. Então, por que é que vocês se desafiaram a isso? O que é que havia, que permitiu uma audácia assim? Porque foi um desafio, e a brincadeira é uma metáfora para a vida, para a nossa vida. Porque nós somos postos diariamente diante de desafios. Como Urânia dizia: é difícil sermos nós mesmos nos nossos ambientes, diante de um professor que às vezes faz colocações e questiona a Igreja. É por isso que precisamos de um caminho que nos dê essa audácia, um lugar que me dê essa audácia. Se um maluco me parasse na rua e me desse um pote de doce de leite e dissesse: “Vá jogar no rosto do primeiro que encontrar”, vocês fariam

isso? Qual é o ponto de diferença entre isso que eu disse agora e a experiência da brincadeira? O que gera essa audácia? O que está entre nós que permite que enfrentemos o desafio? Na vida é a mesma coisa, os desafios são diários, são cotidianos, mas o que é que me permite olhar com audácia para os meus desafios? Essa é uma coisa. Depois Hamilton dizia: o momento do silêncio me deixa agitado. Olhem que paradoxo. Por que o momento do silêncio nos agita? Por que a possibilidade de olhar para nós nos agita? Por que queremos fugir? Porque não conseguimos ficar diante do nosso drama, não conseguimos ficar diante de nós mesmos, e depois fazemos o quê? Nos embriagamos, para sermos capazes de ser nós mesmos, para nos tirar da realidade, para sermos capazes de dançar. E na convivência foi ao contrário. Este é o ponto: eu não preciso sair da realidade para ficar diante das minhas questões. Não preciso me distrair com outras coisas para ser capaz de me conectar comigo. Porque há alguém, há um lugar que me diz: você pode ser você mesmo. Você pode ser aquilo que é. Agora, sem esse lugar é impossível, é impossível! E aí eu realmente não suporto, tenho que sair da realidade, porque a realidade é dura, é dramática. Então, por isso é que é interessante o silêncio que me deixa agitado, porque no fundo quero fugir de mim mesmo ou estou acostumado a fugir. Porque a televisão me tira de mim, as redes sociais me tiram de mim, os problemas me tiram de mim, as drogas me tiram de mim, o álcool me tira de mim. Olhem as formas como vocês ficaram diante das redes sociais esses dias: livres. Ninguém estava conectado o tempo todo, por quê? Porque havia outra atração, havia outra coisa. O ponto é: como é que essa coisa se mantém presente? Só é possível com essa fidelidade de que falávamos antes.

Depois Mariana disse que apesar de experimentar uma solidão, é como se nunca tivesse vivido sozinha. Depois disse: “Me traz uma inquietação, experimento uma inquietação que me faz ir a fundo”. É por isso que muitas vezes podemos ter dificuldades em ficar diante do silêncio, porque eu não quero, tenho medo de ir a fundo e afirmar aquilo de que de fato necessito. Será que realmente necessito, para que a festa seja bonita, uma coisa seja legal, me embriagar ou me drogar? Será? Nestes dias nós fizemos uma experiência contrária a isso. Vocês relataram isso! Eu só estou repetindo. Nestes dias não precisamos de nada que nos tirasse da realidade.

Paulo chegou a afirmar no dia em que estávamos dançando forró: “Ainda que estivesse em um show com Aviões do Forró, com a melhor banda do mundo, eu não teria feito a experiência que eu fiz”. Então, o que é que permite isso? Essas coisas não podem passar despercebidas. Depois vocês falaram sobre essa questão de estar num lugar que permite ser quem eu sou, onde eu não tenha medo, inclusive, do meu limite (que pode ser não saber dançar, ser perna de pau, mas estando livre para pedir a alguém que dance comigo). Quantas coisas não sei, quantos dramas posso enfrentar diante de alguém da minha família que sabe mais do que eu e me faz sentir menor, diante de alguém no trabalho que sabe fazer o que não sei fazer! Mas o ponto é a minha medida? É esse mesmo o ponto ou é uma preferência que permite expressar, verbalizar sem escândalos a minha fragilidade? “Sou um perna de pau, mas você me ensina dançar?”. Que liberdade! Olhem que coisa impressionante! Quem não quer uma liberdade assim? Então precisamos ser muito fiéis a essa experiência que vimos acontecer em nós aqui. Porque existem alguns momentos privilegiados que o Senhor nos dá para olharmos essas coisas, e eu não preciso ter medo de voltar para a minha realidade, de voltar para o meu trabalho. Não preciso ter medo porque aquilo que vivi aqui é possível viver em qualquer lugar. Mas, para sustentar aquilo que vivemos, é preciso um caminho e uma fidelidade. Ontem, no final da transmissão, Alexandre André explicitou muito claramente isto: sem Escola de Comunidade e sem caritativa é impossível permanecer fiel.

Colocação. Desde o início, quando Milena lançou a proposta de nos reunirmos em Imbassaí, eu topei de imediato. A princípio perguntei: “Vamos fazer isso, mas, afinal, qual é a finalidade?”. Ela me disse: “Vamos reunir os jovens para poder aproximar mais as pessoas”. Vi desde o início o agir e o poder de Deus, Ele no controle de tudo, a todo instante, em todos os momentos. Mesmo nas situações em que me perguntei: “E agora, como é que vou fazer isso?”. Depois me dei conta de uma voz que me dizia: “Você esqueceu que estou no controle? Depois de tudo o que vivenciamos aqui você não consegue ver? Tudo está no meu controle”. Se estávamos todos juntos naquele momento, é porque Ele permitiu. E era para que cada um dentro da sua individualidade aprendesse um pouco, crescesse um pouco. Esse pouco que aprendemos vai fazer muita diferença lá fora, com as pessoas com quem convivemos cotidianamente na nossa casa, no nosso trabalho, na nossa faculdade, na rua, etc. Precisamos contaminar este mundo aí fora, as pessoas estão doentes; pois tudo tem um propósito, tudo tem um sentido.

Às vezes ficava pensando: por que estou neste lugar? Pergunto-me pois poderia está fazendo outras coisas, mais estou aqui. Permitti-me estar neste lugar. Porque Deus quis que eu estivesse neste lugar. Porque precisamos, através das pessoas, segurar na mão de quem está ao lado. Graças a Deus Ele nos escolheu para estarmos juntos nestes dias. Que essa união cresça, se fortaleça, se multiplique; porque é o que Deus quer.

Milena. Ela disse: “Graças a Deus Ele nos escolheu para estar neste lugar nestes dias de convivência”. Essa é a preferência de que falávamos nestes dias. Depois ela nos disse: “Precisamos contaminar este mundo aí fora, as pessoas estão doentes”. Veio-me a pergunta: “Qual é o maior bem que podemos dar a esse mundo, a essas pessoas adoecidas?”. O maior bem que podemos oferecer ao mundo é ser sério, ser fiel ao nosso próprio caminho. Porque somos uma possibilidade para o mundo na medida em que somos sérios com o nosso caminho, com a nossa fé, com o nosso sim, com essa fidelidade. Porque, se não somos sérios conosco, como podemos amar o mundo? Como é possível abraçar o mundo sem cuidar de si próprio? O maior bem que podemos oferecer a um pai ou a uma mãe, a um irmão, a uma família que é contrária à minha fé, é ser fiel ao nosso próprio caminho.

Colocação. Notei durante a convivência que estávamos bloqueando algumas pessoas, pela forma como as abordamos, por exemplo na forma como uma amiga foi convidada a dançar forró. Temos que saber como abordar, porque, se o outro não quer, tem um motivo para isso, e temos que considerar isso.

Colocação. Uma coisa boa de tudo isso é que conseguimos sobreviver aceitando as diferenças de cada um. Eu, por exemplo, sou extremamente extrovertida, às vezes peço por excesso, ao brincar demais, cozinhar demais, querer que vocês comam demais, e às vezes invado o espaço do outro. Na convivência só conhecia Milena, Paulo e Naiane, mas, depois desses dias, parecia que já conhecia todo mundo, se fez uma familiaridade. É isso que desejo levar para fora daqui. Cada um sabe o que precisa mudar, mas eu sou feliz por saber que Cristo habita em mim.

Milena. Agradeço esse retorno, essa colocação que você fez, é de fato um convite a todos nós a ficarmos atentos à forma como estão diante de todos. Depois, a vida nos faz continuados convites, continuadas provocações. Quantas vezes, graças a Deus, eu tive alguém que insistiu comigo, porque se eu não encontrasse alguém que insistisse comigo, hoje não teria nem feito Universidade. Porque achava que não era capaz,

porque não tinha nada a ver comigo, achava que não tinha nada para fazer, que não gostava de nada. Então, se alguém nunca tivesse insistido comigo, talvez hoje o meu rumo tivesse sido outro. Por isso entendo que temos que ampliar um pouco a razão, ter cuidado em como abordar as pessoas, mas a insistência diante das coisas concretas da vida é uma coisa positiva. Pela relação que temos, pelo que vivemos, você acredita que a insistência era para constranger ou inibir as pessoas? A insistência era um convite para viver tudo, não perder nada. Por isso, diante de alguém que disse que não queria dançar, não queria tomar banho de mar, insistimos, pois queríamos que desfrutasse 100% do que estava diante de nós. A insistência não era para constranger, mas um convite a viver o cêntuplo. Agradecemos ao Senhor, porque Ele sempre insiste conosco.

Cada a um é um, Deus não evita se relacionar com você por causa dos seus excessos, vimos isso nestes dias. A questão é se vivo plena dessa presença ou do meu esforço para mudar. Cristo não espera ficarmos perfeitinho para dizer: “Agora venho ao seu encontro”. Ele está presente, e por isso eu posso ser também provocada a mudar. Então, o que resiste ao impacto da passagem do tempo? Uma de vocês respondeu: a palavra de Deus! Mas, se essa palavra não se cumpre hoje na minha vida, não me serve para viver, porque fica só uma palavra no papel, um livro fechado. Se não faço experiência disso hoje na minha vida, se o Cristianismo não é vivo hoje na minha vida, não me serve para viver, aí me escravizo pelas minhas fragilidades (por não saber dançar, pelos meus excessos) e me distancio de Cristo ao parar na medida.

Colocação. Foi interessante quando Milena explicou por que está neste lugar: foi porque alguém insistiu com ela. Eu também agradeço primeiramente a Cristo por estar aqui, e a ela por também ter insistido comigo. Porque ela falava em ser fiel: ser fiel à missa, à Escola de Comunidade. Estou estudando na universidade e tenho feito Escola de Comunidade lá, tem sido muito importante, tenho sido fiel. Havia uma coisa que estava me machucando demais, e eu tinha que tomar uma decisão de qualquer jeito. Quando comecei a fazer Escola de Comunidade, chegava em casa e começava a pensar nas coisas que Milena relatava ou que outras pessoas diziam, e isso me ajudou. Porque, quando um amigo falava, era como se Cristo estivesse falando para mim. Quando cheguei em casa resolvi o problema, e quando fiz isso foi como se tivesse tirado um peso de cima das minhas costas, foi um alívio. Estava distante das coisas do Movimento, e depois que voltei tem me ajudado a tomar algumas decisões na vida: numa pequena palavra ou num abraço que recebo dos amigos.

Colocação. É importante que cada um tenha a sua casa: eu fui católica a vida toda, mas depois que mudei de cidade fiquei perdida, frequentei muitas igrejas para suprir uma necessidade minha, um vazio meu. Estava em Salvador só, sem minha família, trabalhando e passando por muitas dificuldades até que encontrei uma pessoa evangélica que começou a falar de Jesus e comecei a ter intimidade com Ele, até então nunca tinha aberto uma Bíblia, fui conhecendo e me apaixonando por Jesus, e é Jesus que eu quero. Por isso, não consigo mais fazer as besteiras de antes, me constrange, é como se Ele estivesse diante de mim, e me envergonha fazer as coisas erradas de antes. Tudo isso é maravilhoso, mas me dou conta que não tenho uma casa, eu frequento aqui, ali, mas ainda não encontrei a minha casa, a casa de Deus, a Igreja. Encontrei a Ele, que faz morada em mim, mas precisamos da casa, pois a noiva é a Igreja. Se alguém assim como eu estiver buscando essa casa, nos apressemos para encontrá-la.

Milena. Não precisamos ficar tateando, nós precisamos pedir para identificar e reconhecer com liberdade os sinais que o Senhor nos dá. Às vezes rodamos, rodamos e

os sinais estão bem perto de nós. A casa está perto de nós. Estamos dentro dela. Que estes dias tenham sido uma ajuda para todos nós que estamos buscando uma casa, para que possamos ficar diante dos sinais. Ele sempre dá sinais, precisamos ser simples para interceptar e perceber. Uma pessoa disse: “Eu encontrei uma pessoa!”. Isso é verdade, porque Cristo é vivo, vivo é algo presente. Encontramos algo vivo, Alguém vivo que nos prefere. Essa preferência nos lança na vida e na realidade audaciosos, sem medo dos nossos limites.